

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT08.008

## AS VIAGENS DE LUCIENE CARVALHO: DESLUMBRES POÉTICOS EM MATO GROSSO

MARIA CLEUNICE FANTINATI DA SILVA

Doutora em Estudos Literários - PPGEI - Universidade Estadual de Mato e Prof.<sup>a</sup> no Instituto Federal de Educação, ciências e Tecnologia de Mato Grosso – IFMT- campus Tangará da Serra-MT. E-mail: [fantinati.silva@ifmt.edu.br](mailto:fantinati.silva@ifmt.edu.br)

### RESUMO

Será apresentado, neste trabalho, uma parte da pesquisa realizada no período de doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários – Universidade Estadual de Mato Grosso. O artigo foi elaborado a partir das postagens nas redes sociais e entrevistas *on-line* concedidas pela multiartista mato-grossense Luciene Carvalho. Atriz, poeta, diretora, entre outras. Ela é a primeira mulher preta a ocupar uma cadeira na Academia Mato-grossense de Letras. O texto apresenta a trajetória da escritora com inserções analíticas sobre o seu percurso enquanto literata, e traz fundamentações teóricas que auxiliam entender as dificuldades enfrentadas por uma mulher negra, sem recursos financeiro, ao tentar inserir-se no campo literário. Uma das forças que a impeliram para o mundo intelectual foi a necessidade de fazer de sua arte uma profissão e, desta profissão obter recursos para a sobreviver. Os procedimentos metodológicos iniciaram-se com leitura e fichamento do material selecionado para o estudo, como livros da autora, artigos e entrevistas *on-line* e, posteriormente o apresto teórico. Deste modo, com Virginia Woolf (2014), buscou-se compreender a necessidade material e condições para uma mulher escrever, e com bell hooks (1995), mostrar que o sujeito deve tomar para si a sua história, e pode transformá-la a partir da prática artística e literária. Em Grada Kilomba (2021), percebeu-se que escrever a própria história é um ato político. Por ser uma poesia em constante movimento foi necessário teóricos como Candido (1993) e Ribeiro (2016). A poética de Luciene Carvalho caminha e navega simultaneamente: caminha, enquanto uma poeta ambulante que não quer que seus livros permaneçam nas estantes das livrarias e bibliotecas, e navega virtualmente, levada pelos apreciadores de sua arte.

**Palavras-chave:** Luciene Carvalho, Poeta mato-grossense, Mulher preta, Redes sociais.

## INTRODUÇÃO

---

Luciene Carvalho é escritora, poeta, declamadora e ocupa a cadeira 31 na Academia Mato-grossense de Letras. Nasceu em Corumbá- MS, antes da divisão do estado de Mato Grosso, mudou-se com sua família, ainda criança, para Cuiabá – MT, no bairro do Porto. Desde a infância esteve envolvida com a poesia em declamações e encenações poéticas. Na adolescência, escrevia seus próprios poemas. Participou no ano de 1983 do concurso de criação literária, num Festival Lírico de Arte Popular, em 1992, conquistou seu primeiro prêmio na literatura. Mas, sua trajetória enquanto literata, iniciou-se com a publicação da coletânea intitulada “Devaneios Poéticos” 1994. Trata-se de uma publicação coletiva pela Editora da Universidade Federal do Mato Grosso; fruto de premiação do FLAMP –Festival Livre de Arte e Música Popular.

Faz jus transpor fronteiras para apresentar as lutas e conquistas de Luciene Carvalho, pois ela não se acomodou diante das dificuldades para levar suas obras até seus leitores e/ ou expectadores. Apesar da escritora ser conhecida no meio literário em Mato Grosso e seu trabalho alcançar diversos meios de divulgações acadêmicas e midiáticas, é necessário, cada vez mais publicações que reconheçam o seu potencial artístico, ou seja, novos olhares detalhados sobre a produção literária da escritora.

O levantamento sobre a produção literária da escritora mato-grossense, seguido da busca na internet pelas entrevistas, artigos e postagens nas redes sociais foram os primeiros procedimentos metodológicos. Deste modo, buscou-se pela voz da escritora, em seus livros de poemas e nas várias publicações *on-line* para sintetizá-la neste artigo.

Em suas andanças, a poeta expõe sua produção e realiza suas performances em lugares alternativos, como por exemplo, centro culturais, auditórios de universidades e escolas, teatros, palcos de *shows*, entre outros. A escritora afirma que foi resistente às redes sociais, pois até 2015, ela não estava nem mesmo no *Facebook*, apesar de seu nome permear diversas páginas da internet.

O uso da tecnologia é algo imprescindível, pois revolucionou a forma como recebemos, enviamos e usamos informações todos os dias. Os recursos *on-line* atingem quase todos os aspectos da vida moderna. Apesar da resistência inicial ao uso dos recursos tecnológicos, por parte da escritora Luciene Carvalho, são as diversas formas de publicações virtuais que a revelam para o mundo, assim sua

arte transita entre os espaços físicos e virtuais apresentando-a enquanto escritora, poeta, atriz, diretora.

## **METODOLOGIA**

---

Primeiramente, buscou na internet por entrevistas, artigos e outras publicações sobre a escritora mato-grossense Luciene Carvalho. Em seguida, a seleção das obras e a escolha dos poemas condizentes com a fala da escritora extraídas das entrevistas ou outras publicações. Posteriormente, elegeu-se os teóricos para a discussão e por último, a elaboração do texto.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

---

Primeiramente, vale ressaltar que Luciene Carvalho optou por ser chamada de poeta e não poetiza, como afirma em seus poemas. Em “A Poeta e o Preto”, temos a confirmação da sua preferência, logo no título do poema e nos seguintes versos: “Sou mulher poeta, meu preto, / de víscera e atitude.” (CARVALHO, 2021, p. 108). A predileção da escritora pode ser justamente pelo seu posicionamento em defesa das mulheres uma vez que as palavras não são criadas aleatoriamente, visto que possuem relação direta com a construção, porque:

Nomear é inserir uma concepção de mundo ao objeto nomeado. Por essa razão, é preciso questionar a origem da palavra “poetisa”, que não saiu do nada e carrega um contexto histórico e político de exclusão e diferenciação em sua raiz. [...] O “embate de gênero” é natural, haja vista que “poeta” termina com a vogal temática “a”, associada a verbetes femininos. Mas, como exceção, “poeta” representou, durante toda a História, a pessoa do sexo masculino que escreve poesia. Como a mulher ficou historicamente proibida de escrever durante séculos, o feminino de “poeta” nem sequer foi usado, chegando mesmo a ser quase inexistente. (MORELATO, 2019, p. 1).

Em seus poemas fica explícito que ela é uma poeta como evidencia o título “Pra Mãe da Poeta”, (CARVALHO, 2021, p. 84). A escritora se reconhece como poeta e não poetiza, assim temos: “Fiz versos, virei poeta / Moro em Cuiabá, no Porto”. (CARVALHO, 2012, p. 19). Também os versos “Sabia que sou poeta. Não é festa, É posição de vida.” (CARVALHO 2009, p. 55), demonstram o favoritismo por parte

do eu-Luciênico pela palavra poeta: “A palavra é formada em um processo de derivação – e não de sufixação –, o que supõe que “poetisa” não é o feminino natural de “poeta”. Daí a dúvida: haverá um rebaixamento da figura da mulher poeta ao ser chamada de “poetisa”? (MORELATO, 2019, p. 2). A pesquisadora citada comenta também que:

Na opinião da feminista norte-americana Andrea Nye, “as palavras assinaladamente femininas no vocabulário sistematicamente encerram uma conotação negativa”. A diferença entre “poeta” e poetisa” exemplifica essa tendência. [...] “uma reforma linguística deveria restaurar a igualdade; se o termo masculino denotava poder, o mesmo devia acontecer com o feminino. Ou as mulheres devem ser poetisas, ou poetisa devia ser revalorizado”. (MORELATO, 2019, p. 2).

Seguindo as perspectivas da autora citada acima, podemos dizer que as afirmações poéticas da escritora mato-grossense revelam sua preferência pela palavra poeta: “Sou poeta até no avesso” (CARVALHO, 2009, p. 55). Assim como Cecília Meireles expressa nos primeiros versos do poema Motivo “Eu canto porque o instante existe / e a minha vida está completa. / Não sou alegre nem sou triste: / sou poeta”, Luciene Carvalho rejeita a ser chamada de “poetisa”.

Para Carpeaux, citado por Morelato (2019) “a Sra. Cecília Meireles não é poetisa, mas poeta: e grande poeta”. A diferenciação de valores na época sobressai, com clara predominância de “poeta” sobre “poetisa”. Deste modo, fica explícito a superioridade da palavra “poeta” em relação a “poetisa”, pois Carpeaux ao recorrer ao adjetivo “grande”, concede a Cecília Meireles um lugar de superioridade, ou seja, o trono dos “grandes poetas”. Entretanto, não deixando de ser rum olhar misógino da época evidenciando como era vista pela sociedade a produção feita por mulheres em relação à dos homens.

## **O PERCURSO DA ESCRITORA MATO-GROSSENSE**

A trajetória da escrita poética de Luciene Carvalho inicia-se a partir de 1994, com publicação de *Devaneios Poéticos* (1994), resultado de premiação do 8º Festival Livre de Arte e Música Popular (FLAMP), em 1993, na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). A premiação ofereceu a edição de um livro para os três primeiros ganhadores – atrativo interessante para os estudantes que não tinham condições de lançar as suas próprias obras.

A segunda produção da escritora é *Teia* (2000). Este livro está subdividido em cinco partes que se intitulam: "Motim", "Naufrágio", "Exílio", "Confinos" e "Poesia enfim". Temos a publicação de *Caderno de caligrafia* (2003). O livro *Porto* (2005), vagueia poeticamente pelo bairro do Porto em Cuiabá, onde o eu-poético rememora sua infância, e uma das figuras centrais em sua jornada: a figura feminina materna. Por outro lado, *Cururu e Siriri do Rio abaixo* (2007), contempla a tradição e a cultura mato-grossense, com as suas danças e cantos tradicionais da cultura popular. Em 2007, lança a trilogia, composta por *Aquelarre - ou Livro de Madalena*, *Conta-Gotas* e *Sumo da Lascívia*. No primeiro, a poeta traz o misticismo e a troca de experiência entre mulheres. Em *Conta-Gotas*, apresenta pequenos contos que tratam da sua iniciação no mundo da prosa. São contos curtos e abastados de fatos cotidianos. *Sumo da Lascívia*, permeia o erótico feminino. Nesta obra, a poesia cuida da alma feminina.

O livro *Insânia* (2009), resulta de três momentos que Luciene Carvalho foi internada para tratamentos psiquiátricos. Em 1995, durante a internação, no hospital psiquiátrico Aduino Botelho, escreveu poemas "sem cobertor". Nos anos de 1998 e 2000, durante os períodos de internações, escreveu o "Diário da Rocinha". Nesta obra, o eu-poético revela sua verdade absoluta, pois assumir a própria loucura pode ser considerada por muitos como "loucura". Visto que para lançar-se como louco é preciso coragem, somente Baudelaire se exprime como um homem caído e uma alma dividida. "O que torna Baudelaire um poeta moderno não é tanto a ruptura com a ordem cristã quanto a consciência dessa ruptura. Modernidade é consciência." (PAZ, 1996, p. 19). Neste sentido, ser poeta é fugir de si e se encontrar nos devaneios, ou seja, a experiência poética é a revelação da condição humana.

Luciene Carvalho, publica *Ladra de Flores* em 2012. O livro está dividido em quatro partes, e cada parte é intitulada por uma estação do ano. As quatro estações poéticas Luciênicas se unem para exalar odores, recendências, versos, poesia, Também em 2012, temos a publicação para adolescentes: *Para Onde os caminhos levam?*

O livro *Dona* (2018), metaforiza, poeticamente, a mulher que chega aos cinquenta anos, e se percebe adentrando para uma nova fase da vida. *Na Pele* (2020) é produzido durante o primeiro ano da pandemia da Covid-19. Segundo a poeta, no momento de "aquilombamento", nasceu-lhe o desejo de falar sobre ser preta e dialogar com os seus.

Em 2021, Luciene Carvalho lança dois Livros: de *Gula D'água* (poemas) e *Doze contos interpretando a miragem* (contos). O lançamento acontece em plena Pandemia da Covid -19, então, os poemas e os contos, destes livros, transitam pelas ruas da capital mato-grossense, num carro de som, partindo do bairro do Porto, passando por importantes instituições até chegar à Casa das Pretas, na Praça da Mandioca. Nesta perambulação poética, as ruas passam a ser palco, enquanto os transeuntes tornam-se plateia e tomam conhecimento do lançamento das obras. Neste percurso, alguns livros são entregues e, assim, a poesia de Luciene Carvalho prossegue a viagem sonora, adentrando outros espaços. Sobre a proposta do "Lançamento de Rua", a escritora cuiabana diz que o carro de som parte do bairro do Porto transmitindo suas poesias e contos, assim,

[...] A cidade vai receber poesia, a cidade vai receber prosa. É a literatura colocada no nível mais democrático, também intrapandêmico, porque nós continuamos em uma pandemia. E eu não queria fazer live, porque também é exclusão, nem todo mundo tem acesso à internet. E ainda não é o momento de estarmos juntos e próximos e em muitos. Aí nasce o formato Lançamento de Rua, em que a gente derrama literatura para a cidade. (CARVALHO. IN: MENDES, 2021. ONLINE).

Neste sentido, a autora exprime a sua originalidade, desempenha o seu papel social e ocupa posição de destaque correspondendo às expectativas de difusão da cultura, na medida em que trava um diálogo vivo, no corpo-a-corpo com o seu público leitor. A escritora tem quinze livros publicados até o momento. E, já está a caminho de sua próxima obra.

## **O CAMINHO DA ESCRITA LUCIÊNICA**

Numa entrevista com Eduardo Mahon, dias antes do lançamento do livro *Dona* (2018), momento posterior ao adentrar para a Academia Mato-Grossense de Letras, Luciene Carvalho, responde à pergunta sobre quais os espíritos que a aplaudiram ao entrar na Academia dizendo que muitas entidades prestaram atenção em alguém tão diferente do padrão, porque não era apenas uma negra, além dos formatos tradicionais, mas alguém com uma proposta de vida diferente, porque:

Sou uma pessoa antiformato. E não é só antiformato acadêmico, mas em geral. Gosto de morar em quintal, quando todo mundo quer morar em apartamento. Sou uma autora que dialoga com o leitor sobre diagnósticos

psiquiátricos, quando as pessoas querem esconder os problemas. Sou uma mulher que não cabe nem mesmo nas roupas que eu visto. E não estou atrás de uma bariátrica! Então, não estou atrás de um formato, não aliso o cabelo para me adaptar. (CARVALHO, IN. MAHON, 2019, ONLINE).

Luciene Carvalho sempre se apresenta como alguém que sabe o caminho que trilhou para ser reconhecida. Ela tomou a decisão de fazer poesia como profissão, pois afirma: “Fiz essa opção de vida: viver exclusivamente de literatura. [...] Assumi essa trajetória, ainda que seja penoso” (MAHON, 2019, ONLINE). Esta fala vai ao encontro de Woolf (2014, p. 151), visto que “o poeta não tem hoje em dia, nem teve durante duzentos anos, a mais remota chance.” Para uma mulher negra, as barreiras, provavelmente são bem maiores. Em muitas entrevistas Luciene Carvalho fala que quando se lançou na poesia não foi para seu próprio ego, mas para sobreviver. Sua afirmação, está condizente com bell hooks, visto que:

[...] a decisão de trilhar conscientemente um caminho intelectual foi sempre uma opção excepcional e difícil. [...] Os motivos pelos quais algumas pessoas negras escolheram tornar-se intelectuais se nos são diversos [...] A opção de tornar se intelectual e um ato de autoimposta marginalidade resulta num status periférico na e para a comunidade negra. (hooks, 1995, p. 465).

Escrever foi uma escolha de vida, pois escrevia para pagar boletos, água, energia, ou seja, demandas da vida. Ela não se inseriu na poesia para se projetar enquanto nome, mas encarou a literatura como uma profissão, ou seja, sua escrita era para a própria sobrevivência. Segundo hooks (1995, p. 465), “para muitos de nós tem parecido mais um chamado que uma escolha vocacional. Somos impelidos até mesmo empurrados para o trabalho intelectual por forças mais poderosas que a vontade individual.” No caso de Luciene, uma das forças que a impeliu para o mundo intelectual foi a necessidade de fazer de sua arte uma profissão e, desta profissão obter recursos para sobreviver.

Minha poesia é uma salvação e uma celebração. Fiz essa opção de vida: viver exclusivamente de literatura. Faz sentido. É o melhor de mim. [...] Me chamaram de louca nesta cidade. Mas escolhi viver assim. É a opção de ter o telhado mal ajambrado, sempre pronto para o concerto. Eu vivo do show, eu vivo do livro. (MAHON, 2019, ONLINE).

A poeta tinha consciência que seriam muitos os entraves para uma mulher que escolhe fazer da escrita literária sua única profissão, ainda mais levando em consideração que seu lugar de enunciação é o estado de Mato Grosso, e a voz enunciativa é de uma mulher preta, ou seja, teria que vencer muitas barreiras. Então, precisaria de estratégias para alcançar o seu leitor. Duas coisas eram necessárias: produto, ou seja, livros para vender e a oralidade poética. Semelhante ao homem da cobra na praça que para vender seu produto faz toda uma encenação, pois é necessário criar a oralidade poética cênica, ela se propôs a criar uma oralidade poética com figurino, cenário, sonoplastia, entre outros. Estes são elementos cênicos, pois além de atrair para o seu produto literário há o envolvimento pelos ouvidos e pela visão. Segundo Nadaff (2004), Luciene Carvalho é poesia na escrita e no palco.

[...] Na escrita, publicou *Teia, Caderno de Caligrafia* e participou da antologia *Flamp 93 – Devaneios poéticos* [...]. No palco, têm interpretados seus poemas, unindo figurino, efeitos cênicos, trilhas musicais, entre outros recursos, para tornar sua poesia mais viva e a serviço da emoção da plateia. (NADAFF, 2004, p. 119).

Deste modo, a escritora transita entre as artes cênicas e a literatura. Sua poética evoca o feminino, reflete a vivência periférica, desperta sentimentos, sensações, lembranças, seja nos leitores das obras ou na plateia em seus shows. O processo para se tornar escritora não foi um caminho fácil, pois a sua arte é a sua profissão, mas depende da aceitação do público para se tornar sua renda, seu sustento. Antes de ser escritora, poeta, ela é um ser humano, e as necessidades básicas de sobrevivência precisam ser supridas, Silva (2019) relata que:

Apesar de receber múltiplos prêmios, a autora nos relatou através da entrevista concedida, situações delicadas do seu dia a dia no fazer poético. Essas situações nos estimulam compreender de onde provém a dificuldade de se dedicar única e exclusivamente da produção literária em um país em que o mercado editorial é excludente e de difícil acesso para a maioria dos autores. (SILVA, 2019, p. 288).

Muitas vezes, o público leitor e a plateia se deixam envolverem pela beleza da arte e esquecem da luta pela sobrevivência que os escritores enfrentam no seu cotidiano. Sobre as dificuldades apontadas pela poeta, considera Silva (2019), que o caminho para alcançar reconhecimento é árduo e, nem sempre os ganhos



financeiros são garantidos, pois a arte depende da aceitação do público leitor, do interesse de pesquisadores, entre outros.

O poema “Periférica” em *Dona* (2018), retrata uma mulher na casa dos cinquenta anos que tem que lutar pelo sustento. Então, a mulher artista que existe em Luciene não vai para o descanso, ela não vai para a cadeira de balanço, ela vai para a produção intelectual, pois ela se vende em livros, se vende em shows. Isso significa que sua poesia é o produto para a sua própria sobrevivência. E para vender o seu produto é preciso viajar pelo interior do estado.

Em suas viagens, a poeta expõe sua produção e realiza suas performances em lugares alternativos, como por exemplo: centro culturais, auditórios de universidades, escolas, teatros, palcos de shows etc. A necessidade material impulsionou a escritora iniciar sua caminhada artística, pois nela está intrínseca a arte de fazer poesia. De acordo com Ribeiro (2016, p. 427), não existe escapatória para o artista, pois ele deve permanecer no seu campo e caminhar em direção de sua arte. Aqui é válido o pensamento de Hooks (1995), pois Luciene Carvalho também mostra que o sujeito deve tomar para si a sua história, pois ela pode ser interrompida e transformada a partir da prática artística e literária.

Segundo a escritora, sua poesia precisa ter funcionalidade de salvação. Mas, para salvá-la precisa incluir a materialidade, não apenas para o próprio ego. Para Luciene não são suficientes as publicações de suas poesias e suas apresentações teatrais na capital, ela precisa circular e romper os limites territoriais do estado de Mato Grosso levando seus livros na malinha para expor numa mesinha. Diz a poeta que no poema “Periférica”, no livro *Dona* (2018, p. 88-90), está a resposta para toda esta situação. O poema explica a necessidade da “mesinha” para a poeta expor seus livros, e da “malinha” para transportá-los, porque:

Meu verso é meu maior amor,  
mas sabe o susto da conta  
que chega da água e luz.  
Meu verso faz corre pra pagar:  
se vende em livro,  
se vende em show.

Porque meu verso não é só difusão literária;  
é carga horária, conta bancária,  
trabalha por mim.  
(CARVALHO, 2018, p. 89-90).

Sua produção poética transforma-se em produto para a própria sobrevivência. Sua poesia é periférica, nasce “do fundo / do ônibus, / da calçada / andado a pé. / Meu verso tem pé na rua, sua sob o calorão.” (CARVALHO, 2028, p. 89). Em suas andanças, Luciene Carvalho leva sua arte e recolhe o mundo para compor sua poesia.

Sua arte não pode parar e, depende da mulher escritora e artista para se movimentar, ou seja, existe entre elas – “arte poética e autora” – uma dependência mútua. A escritora tem noção que nem todas as mulheres negras se tornam escritoras famosas, assim como afirma bell hooks (1995, p. 467), nem todos os escritores são intelectuais, mas quando se trata de mulheres negras:

[...] continuam praticamente invisíveis nessa sociedade. Essa invisibilidade é ao mesmo tempo em função do racismo, do sexismo e da exploração de classe institucionalizados e um reflexo da realidade de que grande número de negras não escolhem o trabalho intelectual como sua vocação. (hooks, 1995, p. 467).

Entretanto, a vocação poética em Luciene Carvalho se converteu em profissão. Ela fez da sua arte seu único ofício. Isto não é novidade, pois a escritora assinou seu contrato de profissional com a literatura em 2003, na obra *Caderno de caligrafia* com o poema “Ofício”,

[...]  
Da minha mão –  
Que corre e busca a caneta,  
O mestre é a inspiração.  
[...]  
Sinto não ter outro jeito:  
Sou artífice eleito,  
O meu ser é oficina.  
CARVALHO, 2003, p. 81-82).

Neste poema, a declaração do eu -Luciênico é autenticada como ofício e reconhecido pela poesia como sua profissão. Sempre comprometida profissionalmente com a arte, a escritora não abandona a sua poesia, visto que nela habita um processo político pessoal. Ainda que esta profissão não tenha salário fixo que lhe

garanta estabilidade e algum conforto, foi sua escolha, então enfrenta as dificuldades consciente, porque sua poesia é periférica:

[...]

Não tem ar-condicionado,  
não tem horário marcado  
meu verso é feito à mão.

A mesma mão  
que faz comida

faz rima,

faz compra no mercado  
como dinheiro contado;

quando passa o cartão:

débito, por favor.

[...]

(CARVALHO, 2018, p. 89).

Para entender as dificuldades que uma mulher enfrenta para se lançar e se manter enquanto escritora, recorreremos ao texto *online* de Aiezha (2020), sobre Virginia Woolf. Ela ressalta que no Brasil o contexto é bem mais distinto do contexto inglês que deu origem ao texto de Virginia Woolf. Visto que somos um país latino-americano, portanto, colonizado, explorado, fundado sobre o extermínio dos povos originários e a escravização de povos africanos sequestrados. Sem vias de dúvidas, o processo de colonização reflete na vida dos descendentes dos povos escravizados.

Sobre a questão da desigualdade social da mulher negra os estudos de Madeira e Gomes (2018) alertam para visibilidade das desigualdades raciais quando temos a renda média das mulheres, especialmente a das negras, visto que:

[...] continua muito inferior não só em relação à dos homens, como também em relação à das mulheres brancas. [...] Fatos como esses têm impedido que as mulheres negras desenvolvam suas potencialidades e consigam mobilidade e ascensão social, pois ocupam posições de desvantagens no que concerne à ocupação e renda, à escolaridade, à entrada na educação superior e no mercado de trabalho, enquanto há predominância no trabalho doméstico. (MADEIRA; GOMES, 2018, p. 471).

Para a mulher negra fica mais difícil manter as exigências de produção literária. Luciene Carvalho precisa suprir estas exigências materiais, porque não teve uma família que a sustentasse enquanto poeta. Ou seja, ela precisa trabalhar para se manter como escritora. Atualizando as palavras de Woolf (2014, p. 251), a liberdade intelectual, continua dependendo de coisas materiais. Então, as dificuldades enfrentadas por uma mulher negra que escolheu como profissão ser escritora de literatura no estado de Mato Grosso parecem bem maiores.

Mas, é a necessidade material que a coloca em movimento, pois anda para mostrar o seu produto e se afirmar enquanto pessoa, ou seja, não submergir na loucura e buscar sustento. A escritora Martha Lopes (2017, *apud* SILVA, 2019, p. 292) diz que muitas vezes não entende “que loucura é essa que nos move, que nos faz trabalhar de graça, que nos desafia e desgasta até a última gota de energia possível.” Pois as dificuldades se acentuam principalmente na figura da mulher literata.

Suas andanças possibilitam encontrar matéria para sua poesia, o contato com seu público leitor, divulgação de suas obras, contatos com outras pessoas, oportunidades e novas ruas nas redes sociais. Segundo Andreani (2023) Luciene se autodescreve como a ‘persona’ dela mesma. Deste modo,

Luciene Carvalho é um ‘Dom Quixote’, que sai levando a mensagem, a poesia. Que trabalha por mim e faz a extensão que eu, pessoa física, não sou capaz de fazer”, compara, dizendo que a ‘persona’ foi lapidada e construída para poder veicular o que as pessoas diziam que era impossível, como viver de poesia em Mato Grosso (ANDREANI, 2023, ONLINE).

Muito mais do que viver de poesia em Mato Grosso, a escritora consegue encontrar o mundo nas pessoas, nas novas ruas, nas redes sociais, ou seja, em Luciene Carvalho, ela se identifica no contato com as outras pessoas. Conforme Ribeiro (2016, p. 431), a identidade artística “se funda no contato com o outro, decorrente em grande parte de sua experiência andarilha, e que implica uma multiplicidade de olhares e afetos”, como afirma o eu-poético no poema “Periférica”:

[...]

Meu verso é onde eu guardo  
o olhar que tenho do mundo  
que vejo da janela  
do fundo  
do ônibus,

da calçada, andando a pé,  
meu verso tem o pé na rua,  
[...].

(CARVALHO, 2018, p. 89)

Cada verso torna-se o lugar em que a poeta guarda a impressão que tem do mundo, pois o aprecia da janela do fundo do ônibus. Estar no ônibus, além de expressar a ideia de movimento, significa envolver-se com o coletivo. Da mesma forma que “da calçada, andando a pé”, existe o movimento no meio do coletivo, uma vez que seu verso tem o pé na rua. Nestes versos, deparamos tanto com a mobilidade, quanto a subjetividade, porque, segundo Bosi (1999, p. 13), “arte é uma produção; logo, supõe trabalho. Movimento que arranca do não ser, a forma do amorfo, o ato da potência, o cosmo do caos.” A terra está em movimento, independente da nossa vontade, o mundo gira, o tempo passa. Estar em movimento possibilita alterações, renovações, ou seja, as modificações acontecem.

A escritora comenta que foi resistente às redes sociais, pois até 2015, ela não estava nem mesmo no **Facebook**. Quando foi eleita para a Academia Mato-Grossense de Letras, em 2015, não possuía nenhuma conta em redes sociais, portanto, a poeta não é um fenômeno das redes sociais. Luciene considera que seja o midiático, jornais impressos que levou seu nome ao público mato-grossense, porque foi o leitor que a colocou nas para as redes sociais. Segundo Candido (2000, p. 75), trata-se da formação do público em relação a posição do escritor, visto que esta posição “depende do conceito social que os grupos elaboram em relação a ele, e não necessariamente ao seu próprio. Este fator exprime o reconhecimento coletivo da sua atividade, que deste modo se justifica socialmente.” Foi o reconhecimento de seu público que a levou para as redes sociais, independente do conhecimento da escritora.

A multiartista só tomou conhecimento que existiam inúmeros projetos de pesquisas sobre suas obras, em 2014, quando teve que preparar a documentação para entregar à Academia Mato-grossense de Letras. Neste momento, ela contou com a ajuda de uma pessoa para organizar a documentação que ao fazer uma busca na internet encontrou várias publicações, como por exemplo, resultados de pesquisas, artigos científicos, análise de suas obras. Neste ponto, vale as ponderações de Antonio Candido (2000), pois escrever possibilita a manifestações alheias, ou seja, o escritor depende do público, visto que é:

[...] o reconhecimento da posição do escritor (a aceitação das ideias ou da sua técnica, a remuneração do seu trabalho) depende da aceitação da sua obra, por parte do público. Escritor e obra constituem, pois, um par solidário, funcionalmente vinculado ao público; [...]. (CANDIDO, 2000, p. 77).

A aceitação do público fez a poesia de Luciene Carvalho caminhar e figurar diversos espaços. Anuindo as perspectivas de Candido (2000, p. 76), para dizer que “a ausência ou a presença da reação do público, a sua intensidade e qualidade podem decidir a orientação de obra e o destino de um artista.” Neste sentido, o público foi determinante a ascensão a arte da poeta cuiabana.

Luciene Carvalho declara na entrevista concedida à revista “Na Balança” (2020, p. 3), que para ela, escrever é uma necessidade íntima. Nesta mesma entrevista, quando lhe perguntaram se a arte pode quebrar paradigmas de uma sociedade marcada pela escravidão e estratificação social, ela alude aos versos da letra da canção de Milton Nascimento: “Nos Bailes da vida”, e responde: “... todo o artista tem que ir aonde o povo está. Sempre foi assim, assim será...” (2020, p. 5). Nestas palavras é possível compreender a necessidade do seu deslocamento para expor sua arte, pois seja através da presença ativa nos palcos, atuando nas diversas temáticas de sua poesia ela vai ao encontro do seu público. A intensa atividade de conduzir sua poesia até o público exige da escritora muita disposição.

## **AS VIAGENS POÉTICAS DA ESCRITORA**

Cada vez mais as redes sociais têm sido muito utilizadas por pessoas de diversas faixas etárias e classes sociais, permitindo que conteúdos publicados atinjam vários públicos diferentes. Assim, quanto mais postagens, mais conhecidas as pessoas e os conteúdos publicados se tornam, pois quando alguém considera o conteúdo interessante, além de apreciar (dar *like*), pode compartilhar, em vista disto, a postagem poderá ser visualizada por outros usuários das redes sociais que novamente podem compartilhar o conteúdo.

As interações são concretizadas, segundo Vermelho *et al* (2014, p. 188), dentro de uma relação de troca de conteúdos que conseguem ser criados pelas mais diferentes linguagens disponíveis no formato digital. Podem ser textuais, sonoras, audiovisuais e imagéticas. Trata-se de ferramentas que potencializam a

manutenção e a expansão dos laços sociais, além de ajudarem a visualizar as redes de relacionamento das quais cada sujeito faz parte.

Como já comentado, escritora não fazia parte de nenhuma rede social até o ano de 2015. A iniciativa de postagens sobre seus poemas e performances partiram de que público leitor. As pesquisas sobre suas obras iniciaram sem que ela tivesse conhecimento. Neste ponto, vale retomar as considerações de Antonio Candido (2002, p. 76 e 76), pois escrever propicia a manifestação alheia, porque todo escritor depende do público. Visto que o reconhecimento da posição do escritor depende da aceitação de sua obra, por parte do público.

Foram as mídias sociais que levaram Luciene Carvalho irromper espaços, uma vez que as diversas publicações sobre seus trabalhos medraram limites para além das fronteiras brasileiras. Sua arte despertou o interesse internacional, por meio das redes sociais e das publicações existentes.

O Brasil assistiu ao filme de 43 (quarenta e três) minutos, lançado em 2020, um documental com o título 'Luciene', na certeza de que caberiam todas as facetas propostas no simples nome da poeta, a diretora e roteirista Juliana Curvo construiu um longa-metragem na fronteira entre documentar o real ou aquilo que se conta. Assim, a poeta Luciane Carvalho, primeira mulher negra imortalizada pela Academia Mato-Grossense de Letras tornou-se tema do documentário "Quem tem medo de Luciane Carvalho" que foi ao ar no dia 5 de dezembro de 2020, no canal Prime Box Brazil.

A arte Luciênica é levada pelas redes e atravessa fronteiras, visto que a internet apresenta a vantagem de eliminar as barreiras de tempo e espaço entre os agentes no processo comunicativo, então um diretor de teatro assistiu ao filme pelo E-Box Brasil e publicou sobre o filme em seu Instagram;

A poeta Luciane Carvalho. A obra explora o processo de construção de um documentário onde a fronteira entre registrar o real e aquilo que se conta muitas vezes se confundem. Mesclando aspectos autobiográficos e de auto ficção, o filme utiliza linguagens artísticas que traduzem em imagens a poesia de Luciene. A antagonista-diretora, como se apresenta a cineasta Juliana Curvo, só conseguiu conduzir as filmagens quando foi "contaminada" pela poeta, apresentando uma segunda auto narrativa e contando sobre a origem do filme difícil de realizar. ([geraldthomas1, 2022, INSTAGRAM](#)).

As postagens sobre as obras de Luciene Carvalho a revela para o mundo, e assim sua poética transita apresentando-a enquanto escritora. Nesta perspectiva, condizentes com Candido (2002, p. 74), a literatura é um sistema vivo de obras que age uma sobre as outras e sobre os leitores. A literatura vive na medida em que seus leitores a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a, visto que uma obra não é um produto fixo.

Não foi por mágica que ela vendeu livros, mas, a partir de seu cotidiano exigente que a obriga sair da Caixa de Pandora de si mesma para depois estrear no palco de forma profissional e para se manter como profissional tem que andar inteiro e ultrapassar os limites e o potencial de sua arte. Contudo, ela mesma parecia desconhecer a maestria de sua poesia. Por meio de uma *live* da Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT), ela cruzou os limites territoriais.

Segundo Woebcken (2020) *Live Streaming* é uma transmissão de dados que ocorre ao vivo, como indica o termo "*live*". Qualquer pessoa com acesso às ferramentas adequadas pode transmitir seus conteúdos em tempo real para usuários nos mais diferentes locais. Deste modo, as *lives* da UNEMAT, possibilitaram a escritora chegar até o norte e nordeste do país para mostrar a sua poesia.

Ao embarcar na produção poética de Luciene Carvalho podemos conhecer um pouco mais sobre a cultura, a história do povo mato-grossense, a devastação do meio ambiente assistida pelo olhar poético inconformado ao ver que o rio Cuiabá foi impactado pela devastação do meio ambiente, pois "Tem dia, que chega até dá tristeza, / de olhá num vê beleza no meu rio Cuiabá. (CARVALHO, 2005, p. 29). Nesta perspectiva, entendemos que com a literatura é possível romper os limites do espaço e do tempo, pois escritores e leitores entram em contato com diferentes povos e culturas já que a viagem permite um enriquecimento do pensamento.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

Para a escritora mato-grossense, mulher, preta e pobre, num estado em que a literatura é considerada como periférica, foi preciso coragem para se constituir como escritora e poeta. Escrever, para Luciene Carvalho, foi uma forma de transformá-la, visto que se tornou sujeito de sua própria história. Escrever, para a poeta foi uma alternativa de emancipação e, conseqüentemente, uma produção de conhecimento.



A produção poética de Luciene Carvalho segue o ritmo natural da vida. Sua poesia brota do seu cotidiano e a poeta se deixa levar pelo seu leitor. Ela vai aonde quer que a convidem para levar sua poesia, para suprir a necessidade do povo de arte. Enquanto isso, busca o seu pão de cada dia, o sustento para seu corpo. Nesta troca ninguém perde, ganha o público/leitor alimento para a alma, a escritora vende seus shows nos palcos e recebe aplausos da plateia, enquanto na “mesinha” seus livros são vendidos.

As diversas publicações científicas em revistas *on-line*, as entrevistas para jornais *on-line*, as postagens nas redes sociais, *lives*, entre outros, transportaram Luciene Carvalho para além de Cuiabá. São os leitores da escritora mato-grossense que a colocam nas redes sociais, porque Luciene Carvalho se deixa levar pelo seu público. Sua poética é movida pelos outros, ou seja, seus leitores.

A literatura, segundo Candido (2002) é coletiva, na medida em que requer uma certa comunhão dos meios expressivos, e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, - para chegar a uma “comunicação”. A poesia de Luciene atinge o nível de comunicação entre escritor e leitor através da palavra diluída nos versos de sua poesia.

A interação da poeta com o público: plateia e leitor está justamente em seu dizer, porque sua voz emana de seu mundo e se achega ao público que se percebe no interior da sua poesia. Ou seja, a escritora extrai da realidade fatos, às vezes, tão comuns e converte-os em poesia devolvendo-os aos leitores e expectadores.

Para extrair fatos da realidade é preciso conhecê-la, assim como os seus percursos, nas suas observações cotidianas e na absorção do mundo a poesia de Luciene Carvalho se constitui da mobilidade, move-se para buscar plateia, admiradores, aplausos, contemplação.

## REFERÊNCIAS

---

AIEZHA. Um Teto todo Seu, de Virginia Woolf. Maio de 2020. Disponível em: O Feminismo é para todo mundo, de bell hooks - Meu próprio lar (poeticadoar.com). Acesso em: 10/07/2022.

ANDREANI, C. “A única coisa que eu trafiquei nessa vida foi poesia”, revela poeta sobre vivências em clínicas psiquiátricas no Estado. 26 mar 2023. Disponível em: <https://www.hnt.com.br/cidades/a-unica-coisa-que-eu-trafiquei-nessa-vida-foi->

-poesia-revela-poeta-sobre-vivencias-em-clinicas-psiquiatricas-no-estado/329084.  
Acesso em 29/03/2023.

BARROS, L. Livro de Luciene Carvalho é incluído em lista obrigatória do vestibular na Unemat. Disponível em: <https://olive.com.br/livro-de-luciene-carvalho-e-incluido-em-lista-obrigatoria-do-vestibular-na-unemat>. Acesso em: 11/07/2022

BATALHA, Marisa; JÚNIOR, Rogério. Hip hop ajuda na luta contra as drogas e traz protagonismo à periferia. O Bom da Notícia: 16/02/2020. Disponível em: <https://www.obomdanoticia.com.br/cidades/hip-hop-ajuda-na-luta-contra-as-drogas-e-traz-protagonismo-a-periferia/42112> Acesso em: 28/06/2022.

BOSI, Alfredo. **Reflexões Sobre a Arte**. São Paulo: Ática, 1999.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria História Literária**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queirós, 2000.

CARRACEDO, M. T. C. **Que livro é este?** In: CARVALHO, L. **Insânia**. Cuiabá-MT: Entrelinhas, 2009.

CARVALHO, L. **Caderno de Caligrafia**. Cuiabá: Cathedral Unicen Publicações, 2003. 88 p.

\_\_\_\_\_. **Dona**. 1. ed. Cuiabá: Carline & Caniato Editorial, 2018. 128 p.

\_\_\_\_\_. **Insânia**. Cuiabá-MT: Entrelinhas, 2009.

\_\_\_\_\_. **Gula D'Água**. Cuiabá-MT: Carlini & Canitto Editorial, 2021

\_\_\_\_\_. Apresentação e direção de: A flor de mamona. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CdevlxDgUiS/?igshid=MDJmNzVkMjY=> . Acesso em: 12/07/2022.

GALVÃO, J. A. C. **Colonização e Cidades Em Mato Grosso**. XXVII Simpósio Nacional de História: conhecimento e diálogo social. Natal-RN, 22 a 26 de jun. 2013. Disponível

em: <<http://www.snh2013.anpuh.org/site/anaiscomplementares.pdf>. > Acesso em 07 out. 2021.

GALVÃO, G. **História de Mato Grosso**: divisão do estado completa 41 anos. 11 de outubro de 2018. Disponível em: <https://olive.com.br/historia-de-mato-grosso-divisao-do-estado-completa-41-anos>. Acesso em: 11/07/2022.

HNT. Entrevista com Luciene Carvalho. 27 de março de 2023. Disponível em: <<https://www.aimpressadecuiaba.com.br/cultura/entrevista-com-luciene-carvalho/6578>. Acesso em: 27/04/23.

Hooks, bell. **Intelectuais Negras**. Trad. Marcos Santarrita. v. 3 n. 2, 1995, p. 467- 478. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/issue/view/301>. Acesso em: 07/07/2022.

\_\_\_\_\_. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019

KILOMBA, G. **Memórias de plantação – episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. 1. ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MAHON, E. Entrevista- Luciene Carvalho. 18 Junho 2019. Disponível em: <http://www.eduardomahon.com.br/index.php/textos/entrevistas/64-entrevista-luciene-carvalho>. Acesso em: 12/07/2022.

MADEIRA, Z.; GOMES, D. D. de O. **Persistentes desigualdades raciais e resistências negras no Brasil contemporâneo**. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 133, p. 463-479, set./dez. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.154>. Acesso em: 10/07/2022.

MÁXIMO. M. M. A poética (de) Luciene Carvalho. XXII Encontro Latino-Americano de Iniciação Científica, XVIII Encontro Latino-Americano de Pós-Graduação e VIII Encontro de Iniciação à Docência - Universidade do Vale do Paraíba: 2018.

MENDES, P. **'Luciene'** é o longa documental exibido presencialmente nesta terça no Cine Teatro. Disponível em: < <https://www.leiagora.com.br/entrete/1711/>

luciene-e-o-longa-documental-exibido-presencialmente-nesta-terca-no-cine-teatro.  
>. Acesso em: 29/06/2022.

MERCURI, I. Luciene Carvalho Lança livro sobre mulheres de 50 em cênica literária no Sesc Arsenal. 12 nov. 2018. Disponível em: < <https://www.olharconceito.com.br/noticias/exibir.asp?id=16458&notícia=luciene-carvalho-lanca-livro-sobre-asa-mulheres-de-50-em-cenica-literaria-no-sesc-arsenal>>

MORELATO, A. K. S. Por que poeta e não poetisa? Disponível em: <https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/adrienne-savazoni-por-que-poeta-e-nao-poetisa/>. Acesso em; 29/06/2023.

PAZ, O. **Os signos em rotação**. 3. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1996. 316 p.

RAMOS, A. Prime box Brazil exhibe documentário sobre a poeta mato-grossense Luciene Carvalho. Disponível em: <https://www.ouniversodatv.com/2021/12/prime-a-box-brazil-exibe-documentario.html>. Acesso em: 29/06/2022.

RIBEIRO, G. T. **O fim do fim da arte**: a poética itinerante de Paulo Nazareth. **Revista Landa**. Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 427-460, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/177509>>. Acesso em: 25/06/2021.

SILVA, K. C. R. da. **Luciene Carvalho**: A voz da autora sobre os desafios da produção literária em Mato Grosso. **REVELL** – ISSN: 2179-4456 – Edição Especial. - VII EIEL. 2019. p. 287-301.

THOMAS, G. Luciene Carvalho Genial. Instagram, 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CeRVDAPLENj/?igshid=MDJmNzVkJmY%3D>. Acesso em: 29/06/2022.

VERMELHO, S. C. *et.al.* **Refletindo sobre as redes sociais digitais**. Educ. Soc., Campinas, v. 35, n. 126, p. 179-196, jan.-mar. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302014000100011>. Acesso em: 05/07/2022.

WOEBCKEN, C. Live Streaming: tudo que você precisa saber para produzir esse tipo de conteúdo com sucesso. Marco de 2020. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/live-streaming/#1>. Acesso em 05/07/2022.

WOOLF, V. **Um teto todo seu**. Trad. Bia Nunes de Sousa e Glauco Mattoso. 1, ed. – São Paulo: Tordesilhas, 2014.

## SITES CONSULTADOS

Da Redação. Luciene Carvalho é homenageada mestre da cultura mato-grossense. 12/12/2021. Disponível em: <https://www.rdnews.com.br/cultura/conteudos/153251>. Acesso em: 07/07/2022.

Departamento Municipal de Cultura. Escritora Luciene Carvalho Estará Em Juína Onde Será Homenageada. Texto: Casa da Cultura. 08/07/2019. Disponível em: <https://www.juina.mt.gov.br/noticia/1699/escritora-luciene-carvalho-estara-em-juina-onde-sera-homenageada>. Acesso em: 26/06/2022.

Escritora Luciene Carvalho é homenageada mestre da cultura mato-grossense. 15/12/2021, Disponível em: <https://www.secel.mt.gov.br/-/18627746-escritora-luciene-carvalho-e-homenageada-mestre-da-cultura-mato-grossense>. Acesso em: 21/01/23.